

O RAP COMO UMA POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Rui Ribeiro de CAMPOS¹

Eder Rodrigo Carvalho MARQUES²

Resumo

O texto deste artigo faz um breve relato do surgimento do movimento Hip Hop, de sua chegada ao Brasil e das características que aqui assumiu. Utiliza-se de alguns conceitos da proposta de Milton Santos na caracterização do atual momento econômico e social e advoga o uso de letras de *rap* em aulas de Geografia, principalmente em escolas situadas em zonas caracterizadas pela exclusão social. A proposta é para a discussão de temas ligados à realidade do bairro ou da cidade onde a escola está situada. Em diversas letras podem-se discutir temas como: território, região, lugar, cidades e cidadania, política, economia, reforma agrária e urbana, violência, desigualdade social, fome, educação, drogas e outros.

Palavras-chave: Hip Hop. Rap. Ensino de Geografia. Exclusão social e urbana. Milton Santos.

Abstract

The rap as a possible geography teaching tool

This article shortly reports the beginning of the Hip Hop, its arriving in Brazil and the characteristics it has gained here. The text uses some of Milton Santos' concepts to identify the current social and economic era and defends the use of rap lyrics in Geography classes, especially in schools based in poor areas. It proposes discuss themes connected to the day-by-day of the neighborhood or city where the school is. In a lot of lyrics it's possible to discuss themes as: territory, region, site, cities and citizenry, politics, economy, land and urban reform, violence, unequal societies, starvation, education, drugs and others.

Key words: Hip Hop. Rap. Geography teaching. Social and urban excluding. Milton Santos.

¹ Graduado em Geografia, Mestre em Educação pela PUC-Campinas, Doutor em Geografia pela UNESP – Rio Claro, e professor na Faculdade de Geografia da PUC-Campinas de Epistemologia da Geografia, Pensamento Geográfico Brasileiro e Geografia Política. E-mail: ruicampos@puc-campinas.edu.br

² Graduado em Geografia pela PUC-Campinas em 2006 e autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: Para além dos quilombolas urbanos: Hip Hop, o movimento social urbano que possibilita transformar territórios através de ação e arte. edergeo2003@yahoo.com.br

Lá não tem brisa/ Não tem verde azuis/ Não tem frescura nem atrevimento/ Lá não figura no mapa/ [...] / Vai, faz ouvir os acordes do choro-canção/ Traz as cabrochas e a roda de samba/ Dança teu funk, o rock, forró, pagode, reggae/ Teu hip-hop/ Fala na língua do rap/ desbanca a outra/ A tal que abusa/ de ser tão maravilhosa/ [...].

(Chico Buarque, in *Subúrbio* – 2006)

APRESENTAÇÃO

Adolescentes, que vivem em áreas carentes, sofrem uma influência marcante do movimento Hip Hop³. Cabe-nos perguntar se ele pode nos dizer algo sobre o espaço geográfico, se propõe transformações no território vivido e se pode ser utilizado em aulas da disciplina Geografia como uma forma de alimentar o conteúdo e aumentar o interesse pela escola.

Como se sabe, esse movimento surgiu nos EUA, mais precisamente na cidade de New York. Uma cultura de rua, nascida na periferia, no bairro do Bronx no final da década de 1960 (MARQUES, 2006; ALVES, 2005; FERREIRA, 2005; LIMA, 2001; SUNEGA, 2001). Apareceu como uma prática de jovens pobres, principalmente negros e hispânicos, decorrente da ausência do Estado, da segregação espacial, de uma política preconceituosa, das brigas entre gangues, do desemprego, da falta de perspectiva. Uma situação comum a moradores de metrópoles em diversas áreas do mundo. O período em que este movimento surgiu, era de Guerra Fria, os EUA estavam envolvidos na Guerra do Vietnã, na qual, além de serem derrotados, perderam milhares de vidas, tiveram jovens mutilados fisicamente, outros traumatizados e muitos dependentes de drogas. Muitos movimentos do *break* possuem como base o corpo debilitado de soldados ou a lembrança de algum objeto utilizado neste confronto, como os helicópteros (movimento “giro de cabeça”). (PIMENTEL, 1997, p. 11-12)

A década de 1960 foi de lutas contra o *apartheid* nos EUA, foi o período do assassinato de Malcom X (1964), de Martin Luther King (1968) e outros, da criação do Partido dos Panteras Negras – que se utilizava de algumas idéias de Mao Tse Tung – e de difusão do lema *Black Power*, de difusão de valores como a necessidade de organização e dedicação aos estudos sobre a origem dos negros etc. O movimento Hip Hop foi criado

[...] com os ideais de resgatar a cultura e a história de um povo, de combater a exclusão social, de lutar contra o sistema capitalista opressor, de criar espaços em um mundo sem espaços. Assim eram os guetos de Nova York durante a década de 70 e assim é hoje na maioria dos países pobres do mundo. (MARQUES, 2006, p. 10)

Transformou-se em uma *filosofia de vida* de grupos da periferia das grandes metrópoles, com diversas influências locais e assumindo características diferentes nos países em que se implantou. A visão preconceituosa das classes média e alta também está presente em diversos países.

³ Hip = saltar; Hop = quadril. É como se fosse sacudir o quadril, ter “*jogo de cintura*”, saber agir em uma sociedade excludente. Este termo foi estabelecido pelo negro África Bambaataa em 1968 (PIMENTEL, 1997, p. 18).

O Hip Hop possui três segmentos e diversos elementos:

[...] o break (dança, o rap (música) e o grafite (desenho) e quatro elementos (MC, DJ, B.boy, Graffiteiro). No rap, existe o MC (mestre de cerimônia), que faz o canto falado e o DJ (disc-jockey) que controla o vinil nos toca discos e domina a técnica do scratch (arranhar o disco para produzir um efeito sonoro) Os que dançam são denominados B.boys (break boy ou b.girl). Os graffiteiros são os responsáveis pela técnica da pintura, especialmente com spray, em muros da cidade. Existe o quinto elemento – Conhecimento e Sabedoria – que consiste na atividade educativa das posses. (FERREIRA, 2005, p. 5)

Há ainda alguns que consideram um sexto elemento: cabelo, roupa e ornamentação corporal, como ocorre com Amaral (2.007)⁴. Cabe lembrar que o grafite – uma arte urbana, que surgiu inicialmente como *Tag*, assinatura – é diferente da pichação pois esta não se utiliza de variações de cores e desenhos. O *Tag* era utilizado pelas gangues como código para demarcação do território. Devagar foi modificando, caracterizando-se “com letras quebradas e garrafais para chamar a atenção e dificultar o entendimento dos que não fazem parte do movimento.” (PIMENTEL, 1997, p. 17) Depois se transformou em uma espécie de aviso da “*visitação*” destes grupos nos centros das cidades, dos quais eram excluídos. O grafite atualmente chega a ser estimulado e utilizado por diversas ONGs em projetos de inclusão social.

O grafite dialoga com cidade, na busca da permanência, enquanto significado da arte consagrada de uma época, mas de expansão, da arte que exercita a comunicação e faz propostas ao meio, de forma interativa. As cidades não são só o suporte, mas os tons das tintas e os movimentos todos do surpreendente imaginário humano. (GITAHY, 1999, p. 21).

O rap, que significa “*rhythm and poetry*” (ritmo e poesia), que certamente surgiu na Jamaica na década de 1960 – na década seguinte, muitos jamaicanos migraram para os EUA – é um estilo que se caracteriza por ser uma espécie de fala ritmada, com uma melodia singular, sendo a letra mais significativa que o som, que a batida. Esta fala cantada destaca a palavra; não é a melodia que interessa e sim o que se diz. Se o *rap* surgiu na Jamaica, cabe também lembrar que diversas tribos da África Ocidental tinham o hábito do canto falado, elo qual repetiam a história de seus antepassados. DaveDavey DCook, citado por Pimentel, assim explicou o sucesso deste estilo:

O rap pegou porque oferecia aos jovens de Nova York a chance de se expressarem livremente [...], era uma forma de arte acessível a qualquer um. Você não precisa de um monte de dinheiro ou de equipamentos sofisticados para rimar. Nem precisa fazer um curso. [...] O rap também se tornou popular porque oferecia desafios ilimitados. Não havia regras, exceto ser original e rimar na batida da música. Tudo era possível. (PIMENTEL, 2007).

Hodiernamente, nos Estados Unidos, o rap abandonou suas características iniciais, foi incorporado pelas gravadoras e possui destaque comercial. A indústria cultural apropriou-se de parte significativa do rap e o esvaziou de significado e de sentido, com muitos *rappers* produzindo um discurso vazio, deslocado das propostas iniciais do movimento.

⁴ No artigo **O movimento Hip Hop**, Amaral afirma que o hip hop é uma ‘cultura de rua’, assim como o movimento punk, o rock e o heavy-metal. E que ele se divide basicamente em: Linguagem visual: o grafite; Linguagem musical: o rap (ritmo e poesia); Linguagem do corpo: o break; A vestimenta: as grifes; O cabelo; Ornamentação corporal.

Não é este rap que nos interessa, mas o feito por grupos de periferias urbanas brasileiras. Este é que Denise Prates Xavier entendia

[...] um movimento de resistência, que possui um conjunto de ações que se constituem em práticas transgressoras de uma parcela da população para quem o processo de globalização se mostra perverso. É a partir de práticas subversivas que o Hip Hop questiona e põe em evidência as contradições existentes. Acreditamos que essa manifestação é bastante representativa do uso que os pobres podem fazer do espaço geográfico, seu território. (XAVIER, 2005, p. 7)

O espaço geográfico, apesar das afirmações a respeito da homogeneização dos lugares, se torna mais diversificado e homogêneo. Como afirmou Ianni em 1993, no livro *A sociedade Global*, "As mesmas condições que alimentam a interdependência e a integração alimentam as desigualdades e contradições, em âmbito tribal, regional, nacional, continental e global." (XAVIER, 2005, p. 34)

A ESTRUTURA SOCIAL SEGUNDO MILTON SANTOS

O atual período técnico-científico e informacional – vivemos a era da informação e ela é a base do poder –, no qual a globalização oferece novas possibilidades de uso do espaço e do tempo, caracteriza-se, entre outros aspectos, por um novo sistema técnico mundial que possibilita a simultaneidade das ações, criando uma espécie de solidariedade entre os mais distantes e diferentes lugares, e com uma possibilidade de apropriação em nível mundial da mais-valia. Este período também se caracteriza pela exclusão de milhões de pessoas, não sendo todos que têm acesso a esses meios, pois o território instrumentalizado com o sistema atual é utilizado para servir somente a algumas empresas ou instituições. Por isso que se fala em globalização perversa, mas uma outra globalização também é possível, como Milton Santos (2.000) já nos fez pensar. Que esta outra retire a competitividade das empresas ou instituições, que ela modifique este sistema que somente privilegia alguns e que ela institua um mundo onde impere a solidariedade, a cooperação, a possibilidade de todos participarem.

Como afirmou Milton Santos em 1995:

O mundo parece, agora, girar sem destino. É a chamada globalização perversa. Ela está sendo tanto mais perversa porque as enormes possibilidades oferecidas pelas conquistas científicas e técnicas não estão sendo adequadamente usadas.

Não cabe, todavia, perder a esperança, porque os progressos técnicos obtidos neste fim de século 20, se usados de uma outra maneira, bastariam para produzir muito mais alimentos do que a população atual necessita e, aplicados à medicina, reduziriam drasticamente as doenças e a mortalidade.

Um mundo solidário produzirá muitos empregos, ampliando um intercâmbio pacífico entre os povos e eliminando a belicosidade do processo competitivo, que todos os dias reduz a mão-de-obra. É possível pensar na realização de um mundo de bem-estar, onde os homens serão mais felizes, um outro tipo de globalização. (SANTOS, 2.000, p. 80)

A proposta é utilizar o crescimento proporcionado pelo período técnico-científico informacional para outros usos, para outros valores, que permitam a inclusão de todos. Ainda é Santos quem afirmou que estas mudanças virão

[...] dos pobres, dos 'primitivos' e 'atrasados', como nós, do Terceiro Mundo, somos considerados. Estas não podem vir das classes obesas. Estas não podem ver muito. São os pobres os detentores do futuro. O problema de todas as épocas é saber como vai se dar a ruptura. E as rupturas se deram antes que todos soubessem como elas iam se dar ... (SANTOS et al., 2.000, p. 66)

Assim, o Hip Hop, utilizando os meios técnicos destinados ao consumo de massa, pode ser conhecido em outros lugares, adaptar-se às premências destes e pode ser um instrumento de manifestação de sua resistência, de sua insatisfação e abrir possibilidades para a mudança. Pois o cotidiano nos mostra a impossibilidade de a maioria usufruir das vantagens do novo período. “[...] a promessa de que as técnicas contemporâneas pudessem melhorar a existência de todos é uma falácia, o que vemos hoje é uma criação acelerada de escassez, o que atinge a classe média e cria ainda mais pobres.” (XAVIER, 2005, p. 4)

A análise do presente deve descobrir nele o futuro que projeta; como não é o almejado, ações para abortá-lo devem ser feitas, em conjunto com propostas para um mundo diferente. Se o geógrafo reconhece a inseparabilidade entre sociedade e espaço geográfico, se consegue ver o território como objeto das ações e também como sujeito, é possível estabelecer uma *forma* geográfica de compreender o mundo e os lugares, de modo não fragmentado, pois o território é o grande revelador dos principais problemas. O espaço geográfico permite a identificação do que é novo no processo, possibilita ações transformadoras lúcidas e é ele a condição para a realização de um novo modo de produção.

O atual meio geográfico não se manifesta de modo igual no planeta, sendo em alguns lugares de forma extensa e contínua e em outros apenas como manchas ou pontos. Uns são adaptados às exigências das ações características da atual globalização (que Santos chama de *espaços luminosos*) e outros não são dotados das virtualidades necessárias ao atual momento (*espaços opacos*). Por isso, atualmente, nos dizia Santos, existem pontos descontínuos mas interligados e se admite dois recortes: as verticalidades e as horizontalidades. As primeiras são “[...] pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia [...]” (SANTOS, 1994, p. 93), que dão conta dos outros momentos da produção e são os vetores de uma racionalidade superior. As horizontalidades são pontos que se agregam sem descontinuidade, o *lócus* de uma cooperação mais limitada, o palco do cotidiano: “[...] espaços contínuos, formados de pontos que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região.” (Ibidem) de outro modo: as horizontalidades constituem o espaço da vida, o espaço banal, o tempo lento dos que ali habitam, um espaço no qual é possível o desenvolvimento de uma contra-racionalidade.

Nas últimas décadas, o Hip Hop se transformou em um componente de diversos espaços geográficos brasileiros, pois ele

[...] conforma e se apropria de um sistema de objetos para desenvolver suas atividades, [...] além de utilizar fixos públicos, [...]. Suas ações configuram igualmente um sistema, indissociado do sistema material, movido por seus agentes e manifesto, entre outros elementos, pelo fluxo de informações do circuito hip hop, envolvimento com projetos comunitários, estúdios para a gravação, shows de rap, apresentações de break, calendário de eventos, entre outros. (ALVES, 2005, p. 1)

Da mesma maneira que há alguns espaços instrumentais à ordem global, existem outros em que a carência é o predicado. No lugar onde excluídos vivem, a contigüidade permite o estabelecimento de uma vida comum, de solidariedade local. Estes homens lentos são os que podem provocar mudanças: " [...] são os pobres que, na cidade, mais fixamente olham para o futuro." (SANTOS, 1994, p. 261) Grupos de rap têm vontade de compreender a realidade e de superá-la. O movimento Hip Hop procura resgatar espaços públicos – escasso nas áreas consideradas periféricas – como áreas de conviver. Utiliza as tecnologias de informação e com elas estrutura a produção dos grupos de rap.

Grupos sociais, atividades e áreas incapazes de se subordinarem às racionalidades dominantes, que vivenciam a escassez, têm nesta a base para uma adaptação criadora. Estas "*irracionalidades*" que apontam para a construção de um novo sentido. A cidade grande é o lugar mais significativo, é o espaço no qual os fracos podem subsistir, inclusive por escaparem ao totalitarismo da racionalidade. Por esta razão que Milton Santos afirmava que na cidade grande são os pobres que mais olham para o futuro. Vivem eles nas zonas *opacas* (espaços de criatividade) e suas carências os forçam a imaginar um outro futuro.

O processo de globalização não se impõe de modo homogêneo pois, além das pessoas não serem atingidas de modo igual, ele encontra obstáculos na diversidade dos homens e dos lugares.

A materialidade, os objetos que compõem os espaço geográfico, podem ser usados com outros propósitos que não os hegemônicos, com outra finalidade política, proporcionando uma outra globalização, mais inclusiva, mais humana. O espaço geográfico é possibilidade de realização de outras ações, outros usos, outra globalização. (XAVIER, 2005, p. 37)

A possibilidade desta mudança possivelmente virá de fora dos quadros institucionais; ela será proveniente dos pobres.

São eles que possuem a possibilidade de se apoderar dos instrumentais do espaço geográfico e adaptá-los para a criação de novos lugares com formas inéditas de vida. Pois onde a escassez é mais sensível a possibilidade de conhecimento e a tomada de conhecimento podem ocorrer, pois no espaço banal uma parcela significativa não obedece às leis, normas ou regras. É o que ocorre com parcela significativa do Hip Hop, que se apropria de objetos técnicos utilizados pelas grandes corporações e produz na periferia, de modo autônomo, seu trabalho. O *rap* é uma música de quem não possui nada, falando para pessoas que necessitam de muita força para sobreviver. Se os pobres passarem da situação de conformidade e de conformismo para uma tomada de consciência da força que, unidos, podem ter, um novo tempo será possível.

O RAP NO BRASIL

O movimento Hip Hop no Brasil tem sido de contestação, de ação política e também de orientador de vida de jovens da periferia. Através do rap, este movimento tem registrado o *apartheid* social existente e tem sido crítico da chamada "democracia racial". Por isso são claras em letras de rap as referências à desigualdade racial e à exclusão social em razão da origem das pessoas. Nas *posses*⁵ muitos jovens têm a possibilidade de integrar um coletivo, de possuírem um grupo com o qual pode se identificar, conscientizar sobre a sua situação e a estrutura da sociedade em que vivem, e de abandonar caminhos considerados inadequados, como o da criminalidade. A grande característica é ser um trabalho de politização em uma estrutura que promove o agir sozinho e em seu próprio benefício. Pois

A cultura é um conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores, cunhado no interior das relações sociais de uma sociedade de classes. Possui, portanto, um sentido político e, muitas vezes, expressa a relação social de quem faz uma música ou para quem ela foi feita. (CAMPOS, 2007, p. 8)

O Hip Hop não é um movimento de classe média, mas sim de jovens integrantes das favelas, das periferias urbanas. “O sexo masculino é predominante, sendo pouco expressivo o número de mulheres.” (LIMA, 2001, p. 23) As mesmas desigualdades de gênero criadas socialmente também estão presentes no Hip Hop. Mas no Brasil ele se estruturou de modo diferente do original estadunidense, até porque a época e o contexto social eram outros. “O rap no Brasil representou uma ruptura com os padrões musicais, não apenas pelas letras de crítica social, mas também pela sonoridade por se tratar de uma música eletrônica conciliada ao canto falado.” (FERREIRA, 2005, p. 8)

A influência da música negra dos EUA, principalmente através de canções e ritmos de James Brown (1933-2006), ocorreu com a presença do *funk* em bailes cariocas e paulistanos na segunda metade da década de 1970. Em meados da década seguinte, com o fim da ditadura militar, teve-se mais consciência de suas conseqüências, visíveis no desemprego, na favelização, na queda da qualidade da educação, na ausência de perspectivas. Ativistas, artistas e políticos, ainda com a utopia de um socialismo brasileiro, começaram a se organizar, principalmente na cidade de São Paulo, um centro de “*regulação delegada*”, que segue as diretrizes de corporações e instituições mundiais.

Foi nesta cidade, principalmente na Rua 24 de Maio, na Estação São Bento e na Praça Roosevelt, que se iniciou o movimento Hip Hop no Brasil. Sobre isso Sposito (1994) afirmou:

No Brasil, o movimento hip hop teve como berço a cidade de São Paulo, na década de 1980, manifestando-se primeiramente através do *break*, dançado nos *bailes blacks* e na Estação São Bento do Metrô, zona central da cidade. O movimento hip hop no Brasil se estruturou também em organizações comprometidas com a formação do jovem através de atividades comunitárias, seja shows de grupo de rap, mídia escrita ou convivência promovidos na periferia, com intuito de formar junto do jovem de periferia uma consciência política, de cidadania, artística e cultural. As *posses* promovem atividades envolvendo conteúdos que não são abordados pela escola formal com a profundidade desejada pelo movimento hip hop – como por exemplo, a questão racial. (apud SILVA; SOARES, 2004, p.7).

O *break* saiu destes bailes e foi para as ruas do centro paulistano. No início ao som do rap estadunidense – inicialmente, em São Paulo, chamado de “*tagarela*” por sua fala rápida e incessante –, imitando o que tinham assistido em vídeos estrangeiros ou, na falta deles, improvisando e criando um estilo próprio. Mas tinham que enfrentar a polícia que, por pressão de comerciantes e de parcela da classe média, expulsava os jovens das ruas centrais. Passaram a se encontrar na periferia, nas favelas nas quais a maioria morava. De grupos de *break*, à presença de DJs nos *bailes blacks*, aos grafiteiros, até o aparecimento de raps aqui elaborados.

⁵ Posse (no significado de “apoderar-se”) ou *crew*, um conceito originário do Hip Hop estadunidense, se constitui em grupos de pessoas que difundem as idéias do Hip Hop. É “[...] uma organização de ação coletiva que difere de organizações não-governamentais, pois não está centrada em uma pessoa ou instituição [...], tem como proposta discutir temas pertinentes ao hip hop, além de promover eventos, seminários, palestras, oficinas, atividades diversas para formação da comunidade hip hopper [...]”. (FERREIRA, 2005, p. 6)

O que parecia uma simples mimetização de comportamentos estrangeiros (descobriram, depois, semelhanças entre o break e a capoeira; ou seja, perceberam a presença da cultura negra africana⁶) adquiriu características nacionais, ampliou a auto-estima de integrantes e ajudou a manter muitos jovens distantes da criminalidade. A presença constante da denúncia dos problemas da periferia, como a exclusão social e a discriminação do jovem pobre e – principalmente – negro, fez com que letras do rap possam ser aproveitadas em aulas de Geografia. Muitas vezes fazem o papel que deveria ser da escola, levando conhecimentos, contrapondo-se à ideologia dominante – principalmente a veiculada pela mídia televisiva – e resgatando a dignidade. Apesar dos problemas existentes, diversos grupos têm sido mais eficazes do que as escolas na preparação para uma cidadania em uma sociedade capitalista que, no momento, se caracteriza pela eliminação de empregos. Estes jovens integram uma geração que não encontra na venda de sua força de trabalho a garantia de sua subsistência. O período atual é de um desemprego massivo – temos agora um desemprego estrutural –, de sindicatos fracos, de falta de perspectivas de vida.

No Brasil, principalmente após 1970, passamos a ter áreas urbanas destinadas especialmente aos mais pobres, espaços opacos circundando os luminosos sem ligação direta entre eles, um maior acesso à educação pública ao lado de uma piora proposital de sua qualidade. Estas grandes diferenças nas condições de vida dos grupos sociais urbanos levarão ao surgimento de manifestações sociais e à organização das mesmas. As grandes cidades são os locais nos quais isto é mais visível.

São reflexos da desindustrialização da metrópole e da segregação urbana que dividiu a cidade em condomínios fortificados e bairros pobres. De um lado os guetos nobres, controlados e vigiados por seguranças armados e sistemas eletrônicos sofisticados, símbolos do mais recente processo de segregação urbana. De outro surge a periferia, descrita como espaço controlado por micro poderes locais, traficantes, grupos de extermínio e policiais corruptos. (SILVA, 1999, p. 31).

Antigamente, nas grandes cidades, existiam bairros operários, onde os pais se esforçavam para que o filho seguisse a mesma profissão. Atualmente, em muitos casos, não existe mais a profissão do pai e nem mais o trabalho. Os filhos passaram a sentir o preconceito, a não terem emprego, a serem bombardeados pela mídia para serem consumidores – consumir é ser – de coisas que não possuem meios legais para adquirir e, muitas vezes, freqüentam uma escola que lhes oferece valores de civismo e moral ligados ao trabalho; e este não existe mais.

Excluídos do que é exigido deles, portanto do desejo eventual de responder a isso, só podem inventar para si outros códigos, válidos em circuito fechado. Códigos defasados, rebeldes. Ou então seguir certos delírios. Atração da droga, desastres do terrorismo. Tentação de ser proletários. De ser os proletários de alguma coisa: estamos nesse ponto! O que têm eles a perder se nada receberem, a não ser modelos de vida que tudo os impede de imitar? (FORRESTER, 1997, p. 64).

Pensar, neste momento, pode ser mobilizador, subversivo; pode levar a mudanças neste sistema. Por isso, elementos que controlam este sistema lutam contra a disseminação

⁶ A capoeira surgiu nas senzalas como uma forma de defesa: para que os senhores não percebessem que estavam treinando uma luta, faziam um jogo ao som de música. Um gênero brasileiro semelhante ao rap é o "coco de embolada", uma "espécie de improvisação vocal ao som do pandeiro, em que os dois emboladores falam alternadamente, desafiando-se, ou exaltando, ou criticando segundo um mote." (PIMENTEL, 1997, p. 37)

do ato de pensar. Pobres pensando pode ser algo muito perigoso; eles podem descobrir que o "*pensamento único*", centrado no lucro, não é o caminho a trilhar.

Essas pessoas que habitam as zonas periféricas das grandes cidades não são atingidas plenamente pelos serviços públicos; seu direito de utilizar dos serviços essenciais à manutenção da vida são negados. Milton Santos afirmou em 1993, no livro *O espaço do cidadão*, o seguinte:

Morar na periferia é se condenar duas vezes à pobreza. A pobreza gerada pelo modelo econômico, segmentador do mercado de trabalho e das classes sociais, superpõe-se a pobreza gerada pelo modelo territorial. Este, afinal, determina quem deve ser mais ou menos pobre somente por morar neste ou naquele lugar. Onde os bens sociais existem apenas na forma mercantil, reduz-se o número dos que potencialmente lhes têm acesso, os quais se tornam ainda mais pobres por terem de pagar o que, em condições democráticas normais, teria de lhe ser entregue gratuitamente pelo poder público. (SANTOS, 1993 apud XAVIER, 2005, p. 42)

A relação entre as periferias brasileiras e o Hip Hop constituem a alma, a essência deste movimento. Sua fala deve refletir os anseios do grupo que habita estes locais e precisa ser facilmente compreendido por aqueles que necessitam ouvir. Como linguagem musical, o *rap*

[...] tem como base, quase sempre, o *rhythm and blues*, intermediada por uma fala concomitantemente à parte musical. Com um discurso quase sempre calcado na crônica urbana da diferença de classes, o texto em si é usado como uma forma de protesto, no qual mostra o problema e discursa sobre ele, fazendo com que o 'mito da convivibilidade'[sic] seja desmistificado. Para tanto, usa o discurso que provoca tensão entre as classes, colocando em choque as diferenças (culturais, sociais, política etc) ou somente demonstra a ineficiência do poder Estatal perante aos problemas da comunidade. (AMARAL, 2007)

Alguns *rappers* têm conseguido que a parcela significativa que ficou inútil para o sistema, que é ignorada pela maioria bem empregada, que vivem em locais separados, se tornem "*visíveis*" nas grandes metrópoles em suas manifestações culturais. Portanto, o *rap* é importante em suas contestações da problemática urbana, é um novo espaço de reflexão e de denúncia.

O *rap* em suas letras procura *denunciar os problemas da periferia*, principalmente a exclusão social, as injustiças e a discriminação do jovem negro e pobre. Pretende também alertar o jovem para as possíveis situações perigosas e criar uma identidade comum de proteção entre eles. Para a sociedade o *rap* se apresenta como um discurso de enfrentamento, de ameaça, como se chamasse a atenção: *olhem o que a sua sociedade produziu, estamos de olho em vocês!* Oliveira (1999) reitera esta percepção: *é um discurso de revolta, de denúncia da realidade*, e que para os *rappers* *é um importante instrumento de catarse, de descarga emocional da violência e da cólera*. (SILVA; SOARES, 2004, p. 10)

A maioria das letras de *rap* procura retratar a realidade da vida urbana, busca revelar as estruturas causadoras do cotidiano de escassez, a ausência do Estado onde ele é mais necessário e as razões das dificuldades enfrentadas pelos mais pobres. Isto ajuda a explicar a grande repercussão destas letras neste meio; é gente da periferia se manifestando por ela. É o que disse o compositor Chico Buarque em entrevista a Fernando Barros e Silva no jornal Folha de São Paulo:

Agora, à distância, eu acompanho e acho esse fenômeno do rap muito interessante. Não só o rap em si, mas o significado da periferia se manifestando. Tem uma novidade aí. Isso por toda a parte, mas no Brasil, que eu conheço melhor, mesmo as velhas canções de reivindicação social, as marchinhas de carnaval meio ingênuas, aquela história de 'lata d'água na cabeça' etc. e tal, normalmente isso era feito por gente de classe média. O pessoal da periferia se manifestando quase sempre pelas escolas de samba, mas não havia essa temática social muito acentuada, essa quase violência nas letras e na forma que a gente vê no rap. Esse pessoal junta uma multidão. Tem algo aí. (AMARAL, 2006).

Se o Hip Hop se transformar em um grande movimento social organizado, ele certamente conseguirá ampliar a luta pela mudança da realidade dos excluídos na sociedade brasileira. A possibilidade existe; seus integrantes precisam saber a respeito do poder de transformação que possuem. E, assim, a periferia deixa de ser somente a materialização de exclusão social e espacial e passa também a ser um lugar de impulsão de solidariedades e de desenvolvimento de resistência.

O RAP NA SALA DE AULA DE GEOGRAFIA

Partindo do princípio de que

A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e seu meio, um resultado obtido através do próprio processo de viver. Incluindo o processo produtivo e as práticas sociais, a cultura é o que nos dá consciência de pertencer a um grupo, do qual é o cimento. (SANTOS, 1993, apud XAVIER, 2005, p. 59)

Utilizar a cultura popular como uma forma de libertação, de estímulo ao estudo e à compreensão de seu mundo, é um dos objetivos do processo de educação para uma verdadeira cidadania. "A partir do momento em que um jovem deixa as drogas, que consegue um bom emprego, que consegue concluir seus estudos, ele muda seu conceito de mundo, e desta forma passa agir na comunidade transformando o lugar em que ele vive." (MARQUES, 2006, p. 48) Esse estudo, além de possibilitar a superação de sua situação, pode ser uma arma contra a violência gratuita. Estimular a participação dos jovens neste movimento pode ser uma das formas de educação para a cidadania. Pode ser uma maneira que tomem conhecimento da discriminação, do preconceito – experiências comuns a muitos negros na escola – e se equipem para modificar esta situação.

Entrar em contato com dirigentes de *posses* locais, se elas existirem, pois elas – as *posses* – se constituem um espaço de organização social. Na maioria dos casos elas realizam atividades comunitárias, culturais e políticas. E o conceito de educação que muitos possuem pode contribuir para a mudança dos modos de pensar e de agir dos jovens. Assim, tende a ser um processo de transformação e não de conservação do atual modelo. A educação sozinha não modifica a sociedade mas sem a sua participação ela não se modifica.

Para muitos *rappers*, o estudo é essencial em sua formação e é um dos fatores que colaboram para a superação dos problemas. Ainda que muitos centrem seus estudos na trajetória da população negra, estudar a África Negra, o racismo brasileiro e as lutas políticas do negro desde Zumbi dos Palmares, são temas fundamentais para o ensino de

Geografia. Se os professores seguirem o índice dos manuais didáticos de Geografia sobre o estudo dos continentes, nunca haverá tempo para estudar a África pois ela é sempre um dos últimos temas a serem tratados.

Se for verdade que “Toda metodologia de ensino, para ser utilizada, deve ser organizada, levando-se em conta as condições reais de tempo, local, nível de aprendizagem dos alunos e principalmente as possibilidades de sua participação efetiva, de modo a se obter o resultado desejado.” (BERBEL, 1995, p. 10, c. 2), deve-se aproveitar o que certos grupos podem oferecer. Os *hiphoppers* brasileiros discutem racismo, política e guerras, os *rappers* misturam maracatu, repente e samba, o que dá uma peculiaridade ao movimento brasileiro. Isto acaba por ser um estímulo ao ato de estudar e, principalmente, por se tratar de pessoas que freqüentam ambientes mais pobres – muitos com pais analfabetos –, que convivem com a violência, este fato é fundamental.

A ideologia dominante tem interesse que os excluídos não possuam o conhecimento necessário para lutar conscientemente contra os que os oprimem, pois isto pode ser o fim destes últimos. “A desvalorização político-econômica da educação em nossa sociedade é um desafio constante e bastante forte para todo professor comprometido com sua profissão, no sentido de empreender um trabalho de superação de toda a falta de condições a que é submetido.” (BERBEL, 1995, p. 11, c. 1) Não é coincidência o fato de as escolas que apresentam o pior desempenho estarem normalmente nas áreas de exclusão. Entretanto, são nestas escolas que muitos alunos se interessam pelo rap, por essa “[...] espécie de crônica fundamentada na crítica do cotidiano.” (XAVIER, 2005, p. 73).

O caráter pedagógico enraizado no movimento Hip Hop nos chama a atenção. Por isso que a utilização de letras de rap em sala de aula pode ser um cominho interessante e importante. As letras são, muitas vezes, pobres, cheias de erros de português, agressivas, repletas de gírias e também de xingamentos. Os autores utilizam, normalmente, do palavreado comum de muitos alunos. Seus erros de linguagem, entretanto, podem ser objeto de exercícios de correção em sala de aula; isso constitui em um aprendizado significativo. Os xingamentos presentes podem ser analisados, sendo seu uso considerado necessário em tal momento e inadequado em outro. Talvez comentar que eventuais erros graves de linguagem é muitas vezes fruto de uma exclusão escolar por parte dos autores. Os erros não são desmerecedores mas devem ser corrigidos, até como uma forma de ampliar o conhecimento da língua, instrumento significativo de combate. O maior interesse, para nós professores de Geografia, está no aproveitamento daquelas letras que possuem algum tipo de análise espacial. Isto pode ser vinculado ao que está sendo estudado e ser uma das razões para o aprofundamento do tema. Afinal, uma das razões do ensino é propiciar condições para a modificação da estrutura visando a superação das desigualdades sócio-espaciais.

Um estudo de Geografia deve ter como base a realidade. A pergunta, a dúvida e a problematização são fundamentais. Buscar exemplos vívidos é uma atitude importante. Dada as características do rap, ele é um possibilitador de exemplos em aulas de Geografia nos ensinos fundamental e médio. Pois

[...] a ética e as ideologias relacionadas ao hip hop oferecem bons ganchos para o professor do ensino fundamental e médio iniciar um diálogo com os alunos, resolvendo o impasse corrente nos dias de hoje entre a expectativa dos estudantes e aquilo que pode oferecer o ensino regular (sobretudo o público). (PIMENTEL, 1999, p. 112).

O *rap* pode ser estimulador na compreensão e nas análises de aspectos relacionados ao conteúdo de Geografia. Pode, inclusive, abrir espaços para a inclusão de outros tipos de letras de músicas. O uso da música na sala de aula e a análise de suas letras são considerados, por diversos autores, metodologias de grande potencial por trabalhar com diversos temas que facilitam a exemplificação e o entendimento do assunto proposto.

O RAP como recurso didático ainda está dando os primeiros passos, porém em algumas escolas que o implantaram no currículo do ano letivo, percebemos que os alunos estão se dedicando e mais que isso, dizem que é muito mais fácil compreender a história com esse recurso de trabalho. (PASSARELI, 1999, p. 129).

Podem ser analisados diversos temas que são discutidos nas canções dos MCs, principalmente aqueles ligados à realidade do bairro do grupo de rap. Assim, assuntos como: território, região, lugar, cidadania, política, economia, luta pela terra, cidades, violência, desigualdade social, fome, juventude, educação, drogas, entre outros. Um dos objetivos “[...] é despertar o senso crítico, explicar posteriormente o significado das palavras e os diferentes sentidos que pode ter dependendo do contexto em que está inserida”. (NEVES, 1999, p. 157). É claro que existe a dificuldade de grupos de rap lançarem um CD, mas é possível fazer cópias das letras e convidar algum integrante destes grupos para cantá-las em sala de aula.

Não é nossa intenção neste artigo a citação de diversas letras pois o que se deseja é apregoar uma forma de ensino e o uso de letras que falam da realidade local, do bairro ou da cidade onde a escola está instalada. Para mostrar que há necessidade de muita informação para poder discutir e para não ser enganado pela minoria que manda no país. Entretanto, citaremos duas apenas para exemplificar a possibilidade do uso. Uma é de um grupo conhecido, inclusive por sua recusa em participar da grande mídia, e outro é de um grupo da região de Campinas (SP), para demonstrar que grupos de certas cidades também tratam de temas nacionais.

A primeira letra a ser citada é a do rap **Capítulo 4 Versículo 3**, cantada pelo grupo paulistano *Racionais MC's*.

Capítulo 4 Versículo 3	
<p>60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial, a cada 4 pessoas mortas pela policia 3 são negras nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros a cada 4 horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo aqui quem fala é primo preto mais um sobrevivente...</p> <p>Minha intenção é ruim esvazia o lugar eu to em cima eu to afim um dois pra atirar eu sou bem pior do que você tá vendo preto aqui não tem dó é 100% veneno a primeira faz bum a segunda faz tá eu tenho uma missão e não vou parar meu estilo é pesado e faz tremer o chão minha palavra vale um tiro eu tenho muita munição, na queda ou na ascensão minha atitude vai além e tenho disposição pro mal e pro bem talvez eu seja um sádico, um anjo, um mágico, juiz ou réu um bandido do céu</p>	<p>malandro ou otário, padre sanguínário, franco atirador se for necessário revolucionário, insano ou marginal, antigo e moderno, imortal, fronteira do céu com o inferno, astral imprevisível, como um ataque cardíaco no verso violentamente pacífico, verídico, vim pra sabotar seu raciocínio, vim pra abalar seu sistema nervoso e sanguíneo pra mim ainda é pouco da cachorro louco numero um dia terrorista da periferia uni-duni-te o que eu tenho pra você um rap venenoso ou uma rajada de PT e a profecia se fez como previsto 1997 depois de cristo a fúria negra ressuscita outra vez Racionais Capítulo 4 Versículo 3</p> <p>Faz frio em São Paulo pra mim ta sempre bom eu to na rua de bombeta e moletom dim dim dom rap é o som que emana no opala marrom... e ai chama o Guilherme chama o fanho chama o Dinho e o dil? Marquinho, chama o Eder vamos ai...</p>

se os outros mano vem pela ordem tudo bem melhor quem é quem no bilhar no dominó colou dois manos um aceno pra mim de jaco de cetim de tênis calça jeans hei Brown sai fora nem vai nem cola não vale ah pena da idéia nesse tipo ai ontem ah noite eu vi na beira do asfalto tragando ah morte soprando ah vida pro alto oh os cara só o pó pele e osso no fundo do poço, mó flagrante no bolso veja bem ninguém é mais que ninguém veja bem, veja bem e eles são nossos ir-mãos também pá de cocaína e crack, whisky e conhaque os manos morrem rapidinho sem lugar de destaque mais quem sou eu pra fala de quem cheira ou quem fuma nem dá nunca te dei porra nenhuma você fuma o que vem entope o nariz bebe tudo que vê faça o diabo feliz você vai terminar tipo o outro mano lá que era um preto tipo A ninguém tava numa mó estilo de calça kelvin Klein tênis puma e um jeito humilde de ser no trampo e no rolê curtia um funk jogava uma bola buscava ah preta dele no portão da escola exemplo pra nós mó moral mó ibope mais começo cola com os branquinhos do shopping ai já era.. i mano outra vida outro pique só mina de elite, balada vários drinque, puta de butique, toda aquela porra sexo sem limite Sodoma e Gomorra...hã faz uns nove anos, tem uns dias atrás eu vi o mano se tem que ver pedindo cigarro pros tiozinho no ponto dente tudo zoadado, bolso sem nenhum conto o cara cheira mal as tias sente medo muito loco de sei lá o que logo cedo agora não oferece mais perigo viciado, doente, fudido, inofensivo um dia um PM negro veio embaçar e disse pra eu me pôr no meu lugar eu vejo um mano nessas condições não da será assim que eu deveria estar irmão o demônio fode tudo ao seu redor pelo radio, jornal, revista e outdoor te oferece dinheiro, conversa com calma contamina seu caráter, rouba sua alma

depois te joga na merda sozinho e transforma um preto tipo A num neguinho minha palavra alivia sua dor, ilumina minha alma, louvado seja o meu senhor, que não deixa o mano aqui desandar e nem senta o dedo em nenhum pilantra mais que nenhum filha da puta ignore ah minha lei

Racionais Capítulo 4 Versículo 3

quatro minutos se passaram e ninguém viu o monstro que nasceu em algum lugar do Brasil talvez o mano que trampa debaixo do carro sujo de óleo que enquadra o carro forte na febre com o sangue nos olhos o mano que entrega envelope o dia inteiro no sol ou o que vende chocolate de farol em farol talvez o cara que defende o pobre no tribunal ou o que procura vida nova na condicional alguém no quarto de madeira lendo ah luz de vela ouvindo radio velho no fundo de uma cela ou o da família real de negro como eu sou o príncipe guerreiro que defende o gol e eu não mudo mais eu não me iludo os manos cú de burro têm eu sei de tudo em troca de dinheiro e um carro bom tem mano que rebola e usa até batom vários patrícios falam merda pra todo mundo rir haha pra ver branquinho aplaudir e na sua área tem fulano até pior cada um cada um você se sente só tem mano que te aponta uma pistola e fala serio explode sua cara por um toca fita velho click plau plau plau e acabo sem dó e sem dor foda-se sua cor, limpa o sangue com ah camisa e mande se fude você sabe por que pra onde vai pra que vai de bar em bar de esquina em esquina pega cinquento conto troca por cocaína, enfim o filme acabo pra você ah bala não e de festim aqui não tem duble para os manos da baixada fluminense ah

<p>Ceilândia eu sei as ruas não são como ah disneylândia De Guaianases ao extremo sul de santo amaro ser um preto tipo A custa caro é foda, foda e assistir ah propaganda e ver não da pra ter aquilo pra você playboy folgado de brinco um troxa roubado dentro do carro na avenida reboças correntinha das moças as madame de bolsa dinheiro não tive pai não sou herdeiro se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal por menos de um real minha chance era pouca, mais se eu fosse aquele moleque</p>	<p>de toca que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca de quebrada sem roupa você e sua mina um dois nem me viu já sumi na neblina mais não permaneço vivo prossigo ah mistica vinte e sete anos contrariando ah estatística seu comercial de TV não me engana e eu não preciso de status nem fama seu carro e sua grana já não me seduz e nem ah sua puta de olhos azuis eu sou apenas um rapaz latino americano apoiado por mais de cinquenta mil manos efeito colateral q o seu sistema fez Racionais Capítulo 4 Versículo 3</p>
---	---

Um dos pontos mais importantes nesta letra citada acima é o conflito de classes, as possíveis divergências entre pobres e ricos. O uso dela pode ajudar entender o sistema no qual vivemos, as cidades e como funciona a vida e a estrutura urbanas. Na visão aí colocada, a segregação espacial existente no Brasil é um resultado também da segregação racial que vem do período colonial.

Discute-se aí a vida na periferia e o papel do negro na sociedade brasileira, questionando a vida difícil que a maioria dos negros leva, por não ter oportunidades de melhorar sua situação social. Aqueles que conseguem empregos, estas são normalmente de trabalhos braçais e com condições inadequadas para os seres humanos. São colocadas questões referentes a droga, moda, crime, crítica a mídia, além de demonstrar que o movimento Hip Hop é uma possibilidade para melhoria social.

A letra a seguir é do rap **Televisão**, cantado pelo grupo *Face da Morte*, da região de Campinas (SP).

<p style="text-align: center;">Televisão</p> <p>Brasil anos 60 eles diziam "Bola pra frente não desista não, não!" Mas Mataram estudantes, Proibiram o acesso a estantes, Nas ruas tantos ignorantes A cabeça do povo murchou Bomba de efeito retardado Pertado pesado Só agora estourou e quem lucrou? Eu não! Vou caminhando cantando e seguindo a canção De domingo a domingo segue a culturação Processo de alienação através da Televisão E ai Faustão! Quem sabe faz ao vivo! Motivo pra eu dar um role na área junto com a rapaziada Não vou perder o domingo vendo Vídeo caçetada!</p>	<p>Junto com a mídia na mira realidade me inspira Sou Rapper do interior nem por Isso inferior Não tenho trava na fala aliado G nunca se cala! Conheço um cara seu sobrenome é massa Foi eleito deputado e não lutou Pelas massas Votou a favor do Collor traidor da nação! Agora na televisão quer dar uma De santinho Não vou dizer seu nome ele é Patrão do Xaropinho Rotulado como defensor do pobre Na verdade o que interessa são os Pontos no ibope Cascalho caralho! faz o povo de otário! Não me engano eu não sou bobo Sou rapper da rede povo</p>
---	--

<p>Não queremos sua pena de sua Gente não precisa Brasileiro não tem preguiça quer oportunidade Através do trabalho alcançar a Qualidade de vida Que é negada pra nós periferia esquecida desacredita? Então pague pra ver enquanto você assiste a televisão vou caminhando cantando e seguindo a canção Vem vamos embora! Que esperar não é sa- ber quem sabe faz a hora não espera aconte- cer E a Hebe que gracinha já passou dos sessentinha Com espírito de mocinha a mim você não ilude Apóia o Paulo Maluf que faz Singapura far- tura Faz Pitta que não apita nada! Permite a máfia dos fiscais o povo não agüenta mais Esse papo de “rouba mas faz” Nem a pau nem fudendo não bebo “suave veneno” Agora “Note e Anote” Que a TV é um “Leão livre” sempre Pronto pro bote! Não to andando nas nuvens mantenho Os meus pés no chão! Na minha opinião Fantástico é ver a luta do MST sol a sol dia a dia em prol da cidadania é o lado bom que ela não mostra agora tem outra novela com o nome de Terra Nostra mais uma bosta! Doutor Roberto Marinho tem a receita per- feita Um analgésico fatal áudio visual! Vejo uma dose diária de Jornal Nacional As 5 da manhã ela abre as portas da espe- rança A impressão que se tem é que o Mundo inteiro vai mal Mas o Brasil ta normal sobre o Controle remoto do FMI Gente que nunca veio aqui pra Saber o que é sofrer Não imagina o que é isso mas é razão e motivo de eu ver Criança abandonada querendo sobreviver</p>	<p>De pé no chão garimpando no lixão Que é pra não morrer de fome Quando acha um Danone Olha pro céu azul agradece a Deus Disputa com o urubu Pelo estoque vencido que veio do Carrefour Enquanto você assiste à televisão Vou caminhando cantando e Seguindo a canção Dona Maria lava a roupa e pilota a vassoura Recupera as energias assistindo “A Usurpadora” Já criou suas crianças Do barraco de aluguel Sua vida não é doce é amarga como um fel, ficou doente faltou grana pra pagar a men- salidade do carnê de mercadorias do Baú da Felicidade cada vez mais doente fez promessa pro seu santo o prejuízo dela é o lucro do Silvio Santos isso é que eu chamo de “Golpe do Baú” vai tomar no Gugu! Tem o Domingo Legal um programinha banal só ta faltando aparecer cena de sexo anal Meninas de 5 anos ralando a theca norma Dá audiência aquela porra toda O povão ta gostando então se foda! Mas chega a segunda – feira e você cai na real Mete a mão no bolso vê que não tem 1 Real Procura emprego e não acha alguns se en- tregam a cachaça outros não Então a maioria se acomoda E não se incomoda com a situação Escravo da televisão e é desse jeito que eles querem O povo na maresia e segue a dominação da minoria sobre a maioria O mundo gira e gira o mundo E só a gente leva bucha Mas logo é domingo dia de Planeta Xuxa Eleições vem ai você decide Se Vale a pena ver De novo Outro Fernando ou Ciro Gomes fabricado pela Globo Enquanto você assiste a televisão Vou caminhando e cantando e seguindo a canção Com seus rostos maquiado sorrisos forçados Programas ao vivo ou gravados Eles são os serviçais do poder</p>
--	--

<p>Fazem um jogo sujo e esbanjam você Qual o significado? Sasha e seu quarto de 130 metros quadrados! Hebe Camargo perguntava em seu programa</p>	<p>Porque toso pobre tem calcanhar rachado Aqui vai a resposta Por outro lado o que importa é o cascalho 1 milhão de reais por mês de salário O que você por anos eles faturam por hora Eles são "os ricos que o meu povo adora"</p>
---	--

Esta letra, de *Televisão*, demonstra uma visão crítica à televisão e ao poder da mídia no mundo. Ela pode ser trabalhada em diversas aulas de Geografia, pois questiona diversos pontos relevantes. O tema principal é a alienação de parcela significativa da população que se dá através da mídia televisiva. Afirma que a elite dominante se utiliza da imagem e da linguagem com o intuito de manter a continuidade do sistema, que explora a grande maioria da população, gerando miséria, fome, o desemprego.

Pode-se observar também que esta letra permite ser utilizada para auxiliar na compreensão do sistema político e econômico do país, e pode ser usada para analisar a questão de periferias, desempregos, lutas sociais, dependência financeira do Brasil, entre outros.

Em cada cidade onde existe um grupo de rap devem existir letras significativas para serem, em algum momento do ensino, utilizadas em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As letras de músicas nos possibilitam realizar uma abordagem da vida através de uma dimensão imaterial. Procurar reconhecer a vida de parcela significativa da população das grandes cidades brasileiras é uma alternativa para alcançar versos e narrativas que revelam as maneiras de viver ou de conviver em uma cidade e possibilidades de reinventar o cotidiano. Estas apropriações por elementos que vivem o cotidiano nestas cidades nos demonstram como sentem as ações globalizadoras que os atingem, como vivem em um ambiente de exclusão e de necessidades e como pensam em modificar esta realidade. A partir de algumas letras de rap é possível identificar situações em que pessoas que se tornem sujeitos se inserem nesta realidade através da criação e de experiências que realizam.

No criar, no produzir e no difundir suas canções podemos verificar as formas de interferências capitalistas de ordem global e as ações de sujeitos do circuito inferior da economia que procuram alternativas frente às imposições desta ordem hegemônica. As ações de resistência através destas canções mostram o campo de possibilidades, os diferentes modos de agir, e uma análise geográfica deve também levar em consideração as sensações de contatos culturais, as críticas, a resistência a estas formas de dominação capitalistas que estão refletidas no espaço urbano. Uma nova visão – não a do Estado ou de partidos – de quem sofre no dia a dia e que demonstra que existem soluções criativas e alternativas da lógica dominante, muitas vezes utilizando o mesmo instrumental técnico. São estratégias que permitem vislumbrar mudanças no sistema vigente. Ações que projetam a libertação tendo a produção no campo musical um instrumento para conscientizar pessoas para outros tipos de ação. Uma apropriação de parte do território para, mais tarde, possibilitar a mudança na sociedade.

O breve relato que foi feito é para o início de uma discussão necessária sobre a utilização de letras de músicas em sala de aula. É também um dos aspectos do trabalho interdisciplinar. Interdisciplinaridade é entendida aqui como a competência de integrar o conteúdo trabalhado por diversas ciências. Isso ocorre a partir de um conhecimento profundo da ciência geográfica, quando o professor é capaz de buscar a totalidade do fenômeno com colegas de outras ciências, para propiciar uma visão de conjunto. Por isso, a formação do professor exige uma profundidade quanto ao conhecimento da Geografia e uma

abertura para possibilitar o trabalho em grupo, a transposição didática, o uso de diferentes recursos pedagógicos e seu engajamento em propostas interdisciplinares. A proposta aqui evidenciada é simples, exige poucos recursos técnicos e se utiliza da arte e de um movimento social como recursos pedagógicos importantes. Uma canção pode permitir que pessoas pensem sobre a realidade que as envolve. Algumas músicas possuem uma significação, podem permitir um diálogo com a realidade e por isso elas são, quando têm objetivos definidos, um potencial veículo de educação. Os versos se constituem em uma criação do homem assim como a música é uma experiência humana, derivada da relação que o ser humano estabelece com o som. Existem diversos tipos de músicas e sua repercussão depende do nível de instrução de quem ouve ou canta.

Os Parâmetros Curriculares de 1997 diziam que a música era fundamental na formação de cidadãos, que todos poderiam participar como "ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores" – ou seja, não é um dom que exclui os ineptos – e que as canções poderiam ser trabalhadas em diversos aspectos, desde a interpretação de letras, passando pela compreensão da linguagem musical até seu estudo como produto cultural e histórico. Um destes aspectos é a nossa proposta.

Devem-se procurar informações onde os fatos estão acontecendo e são vividos pelas pessoas. Muitos dos integrantes do Hip Hop desejam mudanças; querem alterar a realidade das populações das periferias brasileiras. Por isso que o principal anseio deste artigo é o de discutir a utilização de letras de rap relacionadas ao estudo do Brasil em aulas de Geografia em escolas da periferia. Também de estimular essa proposta, fazendo com que professores encontrem músicas adequadas ao contexto no qual estão trabalhando. A música, assim como outras linguagens, pode ser um auxílio para o desenvolvimento da compreensão e da análise crítica. Ela não substitui o conteúdo básico; sua inserção no início, no meio ou no final de cada assunto, depende muito da proposta de cada professor. Não é objetivo incluí-las somente para tornar a aula mais "*interessante*". De qualquer modo, o que se deseja é que professores de escolas situadas na periferia possam pensar sobre esta proposta. E também que o *rap* possa, por muito tempo, assustar, fascinar, causar perplexidade, mudar as pessoas e conseguir seu intento.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cristiano Nunes. **O circuito Hip Hop na região metropolitana de Campinas:** para que o território e a arte digam algo sobre nossas vidas. 2005. 111 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, UNICAMP, Campinas (SP), 2005.

AMARAL, Euclides. **O movimento Hip Hop.** Disponível em: http://www.buscamp3.com.br/texts_columns_readbr.asp?id=27&id_usr=4. Acesso em 31 de agosto de 2007, às 11h30.

BERBEL, Neusi Aparecida Naves. Metodologia da Problematização: uma alternativa metodológica apropriada para o ensino superior. **Semina: Ciências Sociais/Humanas.** Londrina (PR): Universidade Estadual de Londrina, v. 16, n.2, Ed. Especial: Educação, out. 1995, p. 9-19.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. **O uso da música popular brasileira na aula de Geografia.** In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA 6. Concepções e fazeres da Geografia na Educação: Diversidade em Perspectiva. **Anais ...** Uberlândia (MG): AGB, julho de 2007, 14p.

FERREIRA, Tânia Maria Ximenes. **Hip Hop e educação:** mesma linguagem, múltiplas falas. 2005. 101 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas (SP), 2005.

FORRESTER, Viviane. **O Horror Econômico.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

- GITAHY, Celso. **O que é Grafitti?** São Paulo: Brasiliense, 1999 (c. Primeiros Passos).
- LIMA, Mariana Semião de. **Movimento Hip Hop: resistência de jovens vindos da cultura do fracasso.** 2001. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas (SP), 2001.
- MARQUES, Eder Rodrigo Carvalho. **Para além dos quilombolas urbanos: Hip Hop, o movimento social urbano que possibilita transformar territórios através de ação e arte.** 2006. 105 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Faculdade de Geografia, PUC-Campinas, Campinas (SP), 2006.
- NEVES, L. A. D. **Rap na sala de aula.** IN: ANDRADE, Elaine Nunes (Org.). **Rap e educação, rap é educação.** São Paulo: Editora Selo Negro, 1999, p. 153-160.
- PASSARELI, S. A. **Invasão do rap na Classe Média.** IN: ANDRADE, Elaine Nunes (Org.). **Rap e educação, rap é educação.** São Paulo: Editora Selo Negro, 1999, p. 125-136.
- PIMENTEL, Spensy Kmitta. **O livro vermelho do Hip Hop.** 1997. 73 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo). Escola de Comunicação e Artes (ECA), USP, São Paulo, 1997.
- PIMENTEL, Spensy Kitta. **O livro vermelho do Hip Hop.** Disponível em: http://www.realhiphop.com.br/olivrovermelho/spensy_pimentel.htm. Acesso em 31 de agosto de 2007, às 11h15.
- SANTOS, Milton. **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania.** São Paulo: Publifolha, 2002.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2.000.
- SANTOS, Milton *et al.* **Território e sociedade: entrevista com Milton Santos.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2.000.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional.** São Paulo: HUCITEC, 1994.
- SILVA, J. C. G. Arte e Educação: A experiência do Movimento Hip Hop paulistano. In: ANDRADE, Elaine Nunes (Org.). **Rap e educação, rap é educação.** São Paulo: Editora Selo Negro, 1999, p. 23-38.
- SILVA, V. G. B.; SOARES, C. B. **As mensagens sobre drogas no rap: como sobreviver na periferia.** São Paulo: Depto. de Enfermagem em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da USP, 2004.
- SUNEGA, Fernanda Alves. **“Mano, falta em você razão para viver!”: o movimento Hip Hop e as relações de caráter familiar que se estabelecem no interior desse grupo juvenil.** 2001. 61 p. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, UNICAMP, Campinas (SP), 2001.
- XAVIER, Denise Prates. **Repensando a periferia no período popular da História: o uso do território pelo movimento Hip Hop.** 2005. 114 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro (SP), 2005.

REFERÊNCIAS A DOCUMENTOS SONOROS (LPS E CDS)

- FACE DA MORTE. *Televisão.* Intérprete: FACE DA MORTE. In: _____. **FACE DA MORTE AO VIVO.** Hortolândia: Face da morte produções/ RDS. 1 CD, faixa 2.
- ROCK, Edy; BROW, Mano. MC 'S. *Capítulo 4 versículo 3.* Intérprete: Racionais MC 's. In: _____. **Sobrevivendo no inferno.** São Paulo, Casa Nostra, 1 CD, faixa 3.